



GT 26. Cosmo-socio-morfologias ameríndias: entre comparação, contrastes e invenção

Coordenador(es):

Paulo Roberto Homem de Góes (Jeriva Socioambiental)

Aline Fonseca Lubel (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Sessão 1

Debatedor/a: Diogenes Egidio Cariaga (UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

Sessão 2

Debatedor/a: Nicole Soares Pinto (UFES - Universidade Federal do Espírito Santo)

Há quase duas décadas Viveiros de Castro propunha que "seria tempo de se tentar uma análise comparativa das morfologias e processos supralocais na Amazônia, que dispusesse lado a lado os "conjuntos multicomunitários" yanomam, os "grupos" e "aglomerações" trio, os madiha kulina, os itso'fha piaroa, os "nexos endógamos" jívaro, os "subgrupos" parakanã ou wari', e assim por diante" (2002, p. 105). Desde então, muitas pesquisas acerca das sociomorfologias ameríndias, na Amazônia e alhures, vem sendo produzidas, porém, a ambição comparativa da etnologia parece não ter acompanhado o desenvolvimento etnográfico com o mesmo vigor. O objetivo do presente GT é debater a comparação enquanto método etnológico e, para tanto, convidamos pesquisadores a dialogar sobre formas ameríndias de "invenção do social": sua produção de coletivos e territórios (atuais e virtuais), com enfoque seja em relações interaldeãs e interétnicas, seja em relações interespecíficas, seja, ainda, na mútua pressuposição de tais relações. Buscamos, portanto, promover debates a partir de etnografias, de trabalhos etnohistóricos, de arqueologia, da linguística ou do próprio conceito de comparação no sentido de renovar as articulações que compõem a agenda da etnologia e de (re)apropriar interpretações das invenções ameríndias do social.

Mboraei: perseguindo variações guarani

Autoria: Tatiane Maíra Klein (USP - Universidade de São Paulo)

Em uma passagem de ?Apontamentos sobre os Guarani? (1954), Curt Nimuendaju aponta para uma das características centrais do xamanismo guarani: ainda que o cantar esteja na base das práticas cotidianas do ?médico-feiticeiro?, nem todos os Guarani cantam, porque não se trata de um cantar trivial. Esta comunicação tem como propósito apresentar algumas reflexões acerca das práticas e conceitualizações guarani sobre o cantar, perseguindo variações da categoria nativa mboraei (purahei, mboraei, mborai) entre os Kaiowa, Guarani e Mbya e outros povos tupi-guarani, como os Wajãpi, Arawete e Kamaiurá. Este exercício, baseado em uma etnografia sobre a fabricação dos oporaiva, literalmente ?aqueles que cantam?, de dois coletivos guarani-falantes em Mato Grosso do Sul, Brasil, parte de comparações operadas por meus próprios interlocutores de pesquisa para contrastar suas danças-cantos e modos de aprendê-las das de outros coletivos guarani, marcadas pela imagem das ?escolas de reza? (Montardo, 2009; João, 2011) entre os Kaiowa e das inspirações que revelam cantos aos xamãs guarani (Pissolato, 2008; Macedo, 2010). Compartilhada por todos esses coletivos, a categoria mboraei, que engloba vocalizações associadas a movimentos ritmados, aparece ao mesmo tempo como um termo conector e diferenciador entre os xamanismos guarani, cujas variações permitem pensar sobre modos de transmissão e aquisição de conhecimentos xamânicos, mas não só. Aqui, utilizando o ?método da equivocação controlada? (Viveiros de



Castro, 2004), a comparação busca complexificar a descrição etnográfica do que fazem os mboraei nos mundos guarani e refletir como esta categoria alimenta a imaginação conceitual desses coletivos, assim como seus modos de comparar e de produzir diferença.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: